

INTERTEXTUALIDADE, IRONIA E PARÓDIA EM CHARGES DO JORNAL *O GLOBO*

Ivone da Silva Rebello (LNP-SEEDUC/RJ)

ivonerebello@bol.com.br

RESUMO

O presente trabalho visa analisar as significações, os efeitos de sentido e os elementos interdiscursivos produzidos pelas charges, gênero textual composto pela relação entre dois códigos: a linguagem verbal representada pelo texto escrito e a linguagem não verbal representada pela imagem, ambas figuram como importantes elementos para o entendimento da mensagem que se deseja transmitir ao leitor. Focaremos nossa análise na intertextualidade, na paródia e na ironia. A primeira por fazer parte na elaboração de todo discurso chárstico; a segunda por se tratar de um recurso fundamental para incitar a crítica sociopolítica em nossa atual sociedade, e a terceira por fazer uma releitura cômica de caráter contestador, crítico, satírico, humorístico de um fato atual dentro de um contexto social. Tomaremos, particularmente, como *corpus* em nossa análise, as charges de Chico Caruso publicadas no jornal *O Globo*. O enfoque teórico-metodológico foi direcionado para uma pesquisa de natureza qualitativa, efetivada por uma abordagem plurimetodológica, a fim de encontrar, nas interpretações das charges selecionadas, respostas para as relações intertextuais e interdiscursivas. Para esse fim, baseamo-nos nos conceitos de Bakhtin (2011; 2018), Kristeva (1974), Koch (2000, 2004, 2007, 2015), Marcuschi (1999, 2002, 2008) dentre outros. Conclui-se, portanto, que o gênero discursivo charge dialoga com diferentes textos verbais e não verbais de circulação social, sendo esse diálogo apresentado de forma explícita ou implícita e, na interpretação de uma charge, é necessário que o leitor seja capaz de inferir a presença de um intertexto (escrito, oral, visual etc.) a fim de se consolidar a construção do sentido intertextual, irônico ou paródico.

Palavras-chave:

Linguística textual; intertextualidade; charges

1. Introdução

“Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem.” (BAKHTIN, 2011, p. 268)

O presente trabalho visa analisar as significações, os efeitos de sentido e os elementos interdiscursivos produzidos pelas charges, gênero textual composto pela relação entre dois códigos: a linguagem verbal representada pelo texto escrito e a linguagem não verbal representada pela imagem, ambas figuram como importantes elementos para o entendimento

to da mensagem que se deseja transmitir ao leitor. Assim, as charges vão se caracterizar por transmitirem comentários críticos a respeito de algum fato atual noticiado pelos jornais no período de sua publicação, além de manterem uma relação interdiscursiva com o fato abordado.

No que diz respeito à interpretação do leitor, cada indivíduo tem a sua própria visão de mundo, e esta está vinculada à linguagem, o que leva cada pessoa a compreender, de modo diverso, o contexto no qual está inserido.

Segundo Fiorin (2000, p. 32), “assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer”. Logo, a formação ideológica do leitor está ligada à sua formação discursiva, ou seja, a visão de mundo do leitor é expressa através da linguagem.

Focaremos nossa análise na *intertextualidade*, na *paródia* e na *ironia*: a primeira por fazer parte na elaboração de todo discurso chágico; a segunda por se tratar de um recurso fundamental para incitar a crítica sociopolítica em nossa atual sociedade, e a terceira por fazer uma releitura cômica de caráter contestador, crítico, satírico, humorístico de um fato atual dentro de um contexto social.

Conforme afirma Bakhtin (1993),

Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinados, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência sociológica em torno do objeto de tal enunciado e de participar ativamente do diálogo social. Do resto, é dele que o enunciado saiu, ele é como sua continuação, sua réplica, ele não aborda o objeto chegando de não sabe onde. (BAKHTIN, 1993, p. 86)

Tomaremos, particularmente, como *corpus*, as charges de Chico Caruso publicadas no jornal *O Globo*. Quanto ao enfoque teórico-metodológico, este foi direcionado para uma pesquisa de natureza qualitativa, efetivada por uma abordagem plurimetodológica, a fim de encontrar, nas interpretações das charges selecionadas, respostas para as relações intertextuais e interdiscursivas. Para esse fim, baseamo-nos nos conceitos de Bakhtin, Kristeva, Koch, Fiorin, dentre outros.

As charges, segundo Romualdo (2000, p. 18), *são textos coerentes e coesos, pois formam um todo de sentido que é transmitido pelas relações entre os diversos elementos gráficos que compõem as figuras de um quadrinho*. Sendo assim, o texto chágico se insere na definição proposta por Fávero e Koch (2002),

Texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. (KOCH, 2002, p. 25)

Ao se falar em “textos coerentes e coesos”, Romualdo esclarece que a coerência envolve os aspectos lógicos, semânticos e cognitivos nos conhecimentos do interlocutor para que este possa interpretar o texto chágico e, em relação à coesão, esta se manifesta na construção do desenho, na relação dos elementos gráficos e a sua representação.

2. Fundamentação teórica

2.1. Intertextualidade

“[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (JULIA KRISTEVA, 1974, p. 64)

A *intertextualidade* é apontada como um dos fatores da *textualidade*, pois está presente em todo e qualquer texto, ou seja, todo texto é um intertexto: o que produzimos na fala ou na escrita já foi abordado em outro momento por outros interlocutores, já que o processo discursivo se estabelece sobre um discurso prévio.

Conforme ressalta Bazerman (2006),

Nós criamos nossos textos a partir do oceano de textos anteriores que estão a nossa volta e do oceano de linguagens em que vivemos[...]. Enquanto escritores, às vezes, queremos salientar o lugar onde obtemos tais palavras e, outras vezes, não. Enquanto leitores, às vezes, reconhecemos de forma consciente de onde vêm não só as palavras, mas também os modos como elas estão sendo usadas; outras vezes, a origem apenas sugere uma influência inconsciente. [...] o oceano de palavras está sempre à volta de todos os textos. (BAZERMAN, 2006, p. 88)

O conceito de intertextualidade foi construído por Julia Kristeva (1974, p. 64): “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dúpla”. Ainda, segundo a autora, “a palavra é espacializada; funciona em três dimensões (sujeito-destinatário-contexto), como um conjunto de elementos sêmicos em diálogo, ou como um conjunto de elementos ambivalentes”.

Dentro da concepção bakhtiniana, no dialogismo, “o sujeito perde o seu papel de centro e é substituído por diferentes vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico”(BARROS, 1994, p. 2-3). Para Bakhtin, “o dialogismo é inerente à própria linguagem”. Assim, segundo Kristeva (1974, p. 66), “o dialogismo bakhtiniano designa a escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade, ou melhor, como intertextualidade”.

Quanto à ambivalência, esta, segundo Kristeva (*Ibidem*), “implica a inserção da história (da sociedade), no texto, e do texto na história; para o escritor, são uma única e mesma coisa”.

Ainda, em relação à intertextualidade, esta se caracteriza em *explícita*(quando a menção à fonte do intertexto é feita no próprio texto) e *implícita*(quando não há “citação expressa da fonte”) (KOCH; ELIAS, 2015, p. 87 e 92). Consideremos, também, a distinção feita por Koch e Elias (2015) entre *intertextualidade* em *sentido amplo* e *restrito*:

Em sentido amplo, a intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto, como componente decisivo de suas condições de produção. Isto é, ela é condição mesma da existência de textos, já que há sempre um já-dito, prévio a todo dizer.

[...]strictu sensu, a intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade. (KOCH; ELIAS, 2015, p. 86)

Levando-se em conta o texto chárstico, o conceito de intertextualidade proposto por Brait (2008, p. 72) se coaduna bem com esse gênero textual: “a intertextualidade, que pode ser uma das denominações para algumas formas de discurso reportado, assume no discurso uma função crítica, quer para estabelecer um perfil da vítima, do alvo a ser atingido, quer para assinalar polos de abertura”. E, ainda, segundo Paulino, Walty e Cury (1995, p. 58), “toda crítica, por sua vez, já tem um caráter intertextual, na medida em que escreve um texto sobre outro, valendo-se, o mais das vezes, de muitos outros textos como referência ou apoio”.

2.2. Ironia

“É curioso. Os brasileiros estão acostumados com a ironia, nada mais comum do que duas pessoas que se amam se agredirem ironicamente, ou as pessoas dizem o contrário do que realmente pensam, mas coloque-se isso num texto e o comum é as pessoas não entenderem. Essa é a maior ironia de todas. Se há uma técnica para escrever com ironia? Não, é só ser irônico, brasileira-

mente. (Luís Fernando Veríssimo. Entrevista à revista *Língua Portuguesa*, 2005, p.13)

Atualmente, na maioria dos contextos em que a *ironia* é empregada, esta funciona como uma figura de retórica, com o objetivo de fazer uma censura por meio de um elogio jocoso.

É uma figura de retórica que, desde o período socrático, constitui-se num mecanismo importante de comunicação, sendo usada em várias esferas discursivas – jornalística, religiosa, jurídica, publicitária, literária etc. –, e cujo sentido é determinado pelos interlocutores em seu meio sociocultural, pois apresenta “uma atitude do enunciador, sendo utilizada para criar sentidos que vão do gracejo até o sarcasmo, passando pelo escárnio, pela zombaria, pelo desprezo, etc.”(FIORIN, 2014, p. 70).

Segundo Moisés (2001, p. 294), a palavra *ironia* vem do grego *eirōneia* significa “interrogação dissimulada”.

A ironia, segundo Esteves (2009, p. 22), “estabelece uma relação estreita entre o dito e o espirituoso, o gracejo humorado, até ao sarcasmo quase cínico, numa relação íntima com o humor”. Devemos ressaltar que, tanto na linguagem verbal quanto na não verbal, a ironia se apresenta com múltiplos sentidos.

Houaiss (2011), em seu Dicionário Conciso, refere-se à ironia como uma forma de zombaria:

i.ro.ni.as.f. 1 zombaria, escárnio, sarcasmo 2 modo de expressão da língua em que há um contraste proposital entre o que se diz e o que se pensa 3 *fig.* fato que não combina com o esperado [ETIM: gr. *eirōneia*, as^ação de interrogar fingindo ignorância; dissimulação.] (HOUAISS, 2011)

Levando-se em conta a definição do verbete, é possível observarmos uma visão crítica a certos comportamentos e características de indivíduos bem como em acontecimentos e fatos diversos, gerando, assim, uma zombaria, ridicularização ou achincalhão no contexto social. É dentro dessa visão crítica que o nosso trabalho será desenvolvido. Trata-se, portanto, de um recurso polifônico com vozes divergentes.

No discurso irônico, todos os elementos contextuais “promovem no plano da significação uma cumplicidade entre o enunciador e o enunciatário” (BRAIT, 2008, p. 75). Através do dialogismo, a ironia se apresenta como um paradoxo argumentativo ao modificar ou polemizar uma ideia. Assim, na charge, a ironia tem a função de criticar, de forma humorística, certas características humanas, fatos, acontecimentos atuais.

Observando a charge abaixo, intitulada “Câmara do Rio rejeita impeachment de Crivella” (FOLHA UNIVERSAL, 22/07/2018, p. 2), o chargista ironiza a resolução dada ao processo de cassação do atual prefeito do Rio.



A charge, em relação aos atos políticos, é capaz de desconstruir preceitos morais que envolvem homens políticos e, assim, denunciar as relações político-sociais e econômicas que figuram na sociedade. Objetiva-se, portanto, levar o leitor não só a criticar e refletir, como também desenvolver o humorismo.

Logo, na charge, temos duas vozes que se contradizem: uma no sentido literal e outra que nega ou contradiz o sentido original. São sempre duas vozes em conflito: uma exprime o contrário do que foi dito pela outra, invalidando o que a outra proferiu. Assim, a ironia vai estar relacionada a valores morais, culturais, sociais etc., tendo como finalidade fazer uma denúncia.

2.3. Paródia

“O perigo afinal não são as palavras, é o sentido que fazem das palavras.” (Luís Fernando Veríssimo (18.10.2001).

O termo *paródia* vem do grego **parôidia**, **as** que significa “imitação bufa de trecho poético”.

Fávero (1994, p. 49) conceitua paródia como “canto paralelo (de *para* = ao lado de e *ode* = canto), incorporando a ideia de uma canção cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto”. Nota-se, nesta conceituação, uma semelhança com a origem etimológica do termo.

Sendo assim, é sob esta acepção que a paródia será entendida dentro de suas características dialógicas, pois, segundo Bakhtin (2018, p. 209), “todaa vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, etc.), está impregnada de relações dialógicas”.

A paródia, portanto, expressa uma relação dialógica “de apropriação que, em lugar de endossar o modelo retomado, rompe com ele, sutil ou abertamente” (PAULINO; WALTY; CURY, 1995, p. 36). É, enfim, um tipo específico de intertextualidade. A título de exemplo:

*Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai Carlos! ser guache na vida.*

(...)

(C. Drummond, *Poema de Sete Faces*. In: *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.)

*Quando nasci, um anjo esbelto
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.*

(Adélia Prado, *Bagagem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.)

*Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!*

(Casimiro de Abreu, *Meus oito anos*.)

*Meu verso é profundamente romântico.
Choram cavaquinhos luars e derramam e vai
por aí a longa sombra de rumores e ciganos.*

*Ai que saudades que tenho de meus negros verdes anos!
(Cacaso. E com vocês a modernidade, poema de Beijo na boca, 1975.)*

No poema de Adélia Prado e no de Cacaso, ocorre um desmonte de idealizações, dando lugar a uma situação oposta, recriando os textos originais e mantendo algo de suas significações, no entanto há um desvio de sentido em relação aos textos primitivos.

]O poema de Cacaso dialoga com o de Casimiro com um leve toque de humor, bem ao gosto do espírito pós-moderno. Em sentido paródico, Cacaso adapta os versos de Casimiro às suas necessidades expressivas.

Logo, a partir da leitura dos poemas acima, podemos afirmar que a paródia é uma nova maneira de ler e recriar o texto original, tendo como intenção a ironia. Conforme explica Sant'Anna (1985),

[...] o que o texto parodístico faz é exatamente uma re-apresentação daquilo que havia sido recalçado. Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. [...] é uma tomada de consciência crítica. [...] a paródianão é um espelho. Ou, aliás, pode ser um espelho, mas um espelho invertido. Mas é melhor usar outra imagem. E, ao invés do espelho, dizer que a paródia é como a lente: exagera os detalhes de tal modo que pode converter uma parte do elemento focado num elemento dominante, invertendo, portanto, a parte pelo todo, como se faz na charge e na caricatura. [...] (SANT'ANNA, 1985, p. 31-2)

Em relação ao autor, segundo Bakhtin (2018),

[...] um autor pode usar o discurso de um outro para os seus fins pelo mesmo caminho que imprime nova orientação semântica ao discurso que já tem sua própria orientação e a conserva. Nesse caso, esse discurso, conforme a tarefa, deve ser sentido como o de um outro. Em um só discurso ocorrem duas orientações semânticas, duas vozes. Assim é o discurso parodístico [...]. (BAKHTIN, 2018, p. 216)

Fávero (1994, p. 53) tece considerações sobre a conceituação dada ao discurso da paródia por Josef (1980):

Na paródia, a linguagem torna-se dupla, sendo impossível a fusão de vozes que ocorre nos outros dois discursos: é uma escrita transgressora que engole e transforma o texto primitivo: articula-se sobre ele, reestrutura-o, mas, ao mesmo tempo, o nega. (JOSEF, 1980, p. 59)

Moisés (2004, p. 341) afirma que a paródia, “implicando o diálogo entre duas obras, entre dois discursos, não entre um texto e a realidade do mundo, a paródia desenvolve-se como intertextualidade e pressupõe a ironia como o seu mecanismo de eleição”.

Assim, na paródia, as vozes textuais se colocam de forma antagônicas e desfaz o sentido do texto primitivo. Há, portanto, ideias discordantes em um mesmo discurso, pois “ao discurso parodístico é análogo o emprego irônico e todo emprego ambíguo do discurso do outro [...]” (BAKHTIN, 2018, p. 222).

Bakhtin (*Ibidem*) nos chama a atenção para a multiplicidade de uso do discurso parodístico:

Pode-se parodiar o estilo de um outro enquanto estilo; pode-se parodiar a maneira típico - social ou caracterológico – individual de o outro ver, pensar e falar. Em seguida, a paródia pode ser mais ou menos profunda: podem-se parodiar apenas as formas superficiais do discurso como se podem parodiar até mesmo os princípios profundos do discurso do outro. (BAKHTIN, 2018)

3. *A charge*

Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2011, p. 272)

Ao estudarmos o gênero *charge* (termo que vem do francês e significa *carregar, exagerar, atacar violentamente*), este nos levou a refletir sobre a influência e o poder dos meios de comunicação na sociedade. Tais meios, por sua vez, exercem um diálogo constante entre seus textos (jornalísticos, quadrinhos, charges, fotos etc.) com outros textos não publicitários ou a realidade vivida pelo leitor.

Compreendemos, no entanto, que se não houver o diálogo intertextual, dificilmente o leitor chegará à compreensão da mensagem, pois, o jornal, segundo Romualdo (2000), é um mediador entre o público e os fatos na construção de uma realidade reproduzida.

A charge é um gênero que pensa a sociedade da época de forma crítica e transforma os fatos da realidade em memória social. É “um instrumento de reflexão e fonte de pesquisa, [...] um produto cultural produzido sob condições históricas definidas, num tempo e espaço socialmente determinados” (TEIXEIRA, 2005, p. 12). É um tipo de cartum, cujo objetivo é “a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política” (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p. 89). Daí a elaboração manual da charge “revela uma intencionalidade do desenhista na emissão do ato sêmico e transforma o desenho em mensagem icônica, carregando em si, além das ideias, a arte, o estilo do emissor” (CAGNIN, 1975, p. 33).

Como exemplo, temos a charge de Chico Caruso (O GLOBO, 01/09/2014), na qual o chargista compara a postura de Marina Silva, com os pés tortos, a uma foto clássica do ex-presidente Jânio Quadros. Trata-se de uma charge parodiando uma foto jornalística.



www.google.com.br/search?q=foto+clássica+do+presidente+janio+quadros+com+os+pés+tortos

A paródia, portanto, “é um texto duplo, pois contém o texto parodiado e, ao mesmo tempo, a negação dele. Ela é, portanto, a síntese de uma contradição, dando prioridade para a antítese, em detrimento da tese proposta pelo texto parodiado” (KOTHE, 1980, p.98).

O texto chágico pertence ao gênero opinativo e se diferencia dos outros por transmitir o humor e tratar as informações de modo condensado.

É importante ressaltar que o suporte contextual, de acordo com Romualdo (2000),

(...) exerce grande importância para a compreensão da caricatura e da charge, pois elas só alcançarão o seu efeito na medida em que o referente for conhecido e as demais circunstâncias, incluindo as situações ou fatos políticos aos quais elas se referem, também o forem. Se isso não acontece, o seu sentido se esvai. (ROMUALDO, 2000, p. 25)

A característica mais pertinente à charge é a *ironia*, tendo esta a função de criticar, ridicularizar, em tom humorístico, certas situações reais. O texto chágico busca o irônico a fim de denunciar situações político-sociais, em especial, acontecimentos ou fatos suspeitos, questionáveis.

Na charge, a ironia não é expressa na palavra nem na imagem com o seu sentido real, denotativo, mas lhes dá outro significado ou múltiplas possibilidades de sentido.

Conforme afirma Hutcheon (2000),

Diferentemente da metáfora ou da metonímia, a ironia tem arestas; diferentemente da incongruência ou justaposição, a ironia consegue deixar as pessoas irritadas; diferentemente do paradoxo, a ironia decididamente tem os nervos à flor da pele. Enquanto ela pode vir a existir através do jogo semântico decisório entre o declarado e o não declarado, a ironia é um modo de discurso que tem “peso”, no sentido de ser assimétrica, desequilibrada em favor do silencioso e do não dito. (HUTCHEON, 2000, p. 63)

Enfim, *o ironista encontra formas de chamar a atenção do enunciário para o discurso e, por meio desse procedimento, contar com sua adesão. Sem isso a ironia não se realiza* (BRAIT, 1996, p. 138).

4. Análise do corpus

A amostra analisada em nossa pesquisa é composta por charges do jornal O GLOBO, criadas pelo chargista Chico Caruso.

A escolha das referidas charges se deu pela presença da *intertextualidade*, da *ironia* e da *paródia*.

Todas as charges abordam assuntos de natureza político-social, os quais foram amplamente divulgados na mídia.

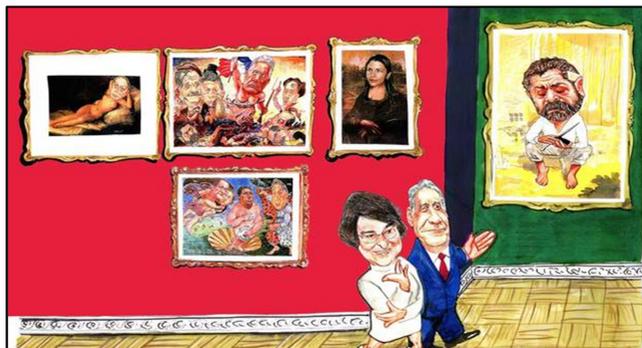
Em relação ao contexto de divulgação das charges, Romualdo (2000) afirma que

A maioria dos fatores contextuais necessários para a compreensão das manifestações polifônicas e intertextuais da charge é encontrada no próprio jornal. Este, pela diversidade de assuntos e abordagens que traz em seus textos, ajuda a formar o repertório do indivíduo que o lê. [...]

Nesse jogo de relações, há a possibilidade de o leitor identificar vozes e ideologias presentes nas charges com as dos textos jornalísticos ou mesmo de uma personagem citada em algum texto. (ROMUALDO, 2000, p. 82)

Acredita-se, portanto, que os leitores do referido jornal leiam as notícias relativas ao contexto político da época, e esse mesmo contexto é explorado nas charges de Chico.

Charge 1



“Ainda na Galeria Brasil – Concorde, querido: poucos quadros e muitos manjados...” **O GLOBO** – 29/11/2001

A charge acima, publicada no jornal O GLOBO, em 29/11/2001, estabelece relação intertextual com alguns quadros clássicos de renomados pintores. Observa-se o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e sua esposa, Ruth Cardoso, andando e admirando quadros numa galeria de arte. Cinco quadros são apresentados: Aureliano Chaves como Vênus, no quadro *O Nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli; Lula no quadro *Caipira picando fumo*, de Almeida Junior; Roseana Sarney como *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci; políticos no quadro *A liberdade guiando o povo*, de Eugène Delacroix e *AMaJa nua*, de Goya.

A intertextualidade ocorre quando se associa a imagem dos políticos aos quadros de pintores clássicos. No contexto, seria uma referência à postura dos políticos, uma crítica ao trabalho desenvolvido pelos mesmos.

A paródia se dá como um diálogo antagônico (político nos quadros), desfazendo o sentido do quadro primitivo, levando, assim, à ironia. Esta ocorre com a percepção (contida na imagem) de que falta seriedade no trabalho dos referidos políticos e nas decisões tomadas pelos mesmos no Congresso Nacional, daí o deboche, a zombaria, o humor.

A interpretação desta charge vai exigir o conhecimento extra-icônico para que o leitor alcance a interpretação plena dos elementos implícitos, fazendo relações entre a imagem e a postura dos políticos. Além disso,

tem o objetivo de “destronar os poderosos”, possibilitando leituras marcadas pela pluralidade de visões da realidade.

Charge 2



O GLOBO, 06/02/1984.

Esta charge, publicada em 06/02/1984, no jornal O GLOBO, foi inspirada na obra *A lição de anatomia do Dr. Tulp*, de Rembrandt, daí a sua relação intertextual. Nela é mostrado o Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Luiz Inácio Lula da Silva (na época metalúrgico), deitado na mesa, pronto para ser operado pelo Ministro do Planejamento Delfim Netto, sendo este, ministro do presidente João Baptista de Figueiredo, na época. Há, também, outros políticos na imagem, como o Ministro Mário Andreazza e o Senador José Sarney.

Figueiredo tomou posse no dia 15 de março de 1979 e, na antevéspera da posse, 180 metalúrgicos entraram em greve no ABC. Foi uma década de embates políticos, de manifestações, do Movimento Diretas-Já, do desequilíbrio das contas públicas.

Nesta charge, a paródia denuncia o fracasso do poder que, aos poucos, estava se correndo em meio à sociedade da época, pois a democracia ia paulatinamente se consolidando.

Ironicamente, a pergunta feita por Lula no balão: *O senhor não trabalha com anestesia geral?* leva-nos a crer que a ideologia do sindicalista não combinava com a política da época e, por isso, deveria passar por momentos de “dor”.

A charge abaixo, publicada em 08/01/2010, no jornal O GLOBO, tem relação intertextual com um texto visual, no caso, uma foto não jornalística, e com um texto verbal, a reportagem em si.

A referência a esse tipo de texto visual exige do leitor um maior grau de cultura, de conhecimento de mundo, porque não foi dado pelo jornal *O Globo*, pois a imagem não faz parte do noticiário. Trata-se de uma foto famosa do grupo *Beatles*.

Esta charge é composta por um único quadro, tendo como figura principal o presidente Lula, na época.

A charge intitula-se *Palavra de ordem* e apresenta a foto dos *Beatles* (de 08/08/1969), caminhando em fila na Abbey Road, tendo Lula como o primeiro da fila, na frente de John Lennon, carregando uma caixa de isopor. Compare a charge com as fotos e a reportagem logo abaixo:

Charge 3



O GLOBO, 08/01/2010.



Lula carrega caixa de isopor na cabeça na praia da Inema, na Bahia.

Foto: Márcio Fernandes /AE

<https://www.google.com.br/search?q=fotos+de+lula+carregando+uma+caixa+de+isopor&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=2ahUKewjtoY-xm4fdAhXGDZAKHeJgAXMQsAR6>



Lula carrega caixa de isopor na cabeça na praia da Inema, na Bahia.

Foto: Márcio Fernandes /AE

<https://www.google.com.br/search?q=fotos+de+lula+carregando+uma+caixa+de+isopor&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwjtoY-xm4fdAhXGDZAKHeJgAXMQsAR6>

Lula descansa em praia na Bahia

Presidente está em Inema, na base naval de Aratu.

Sob céu nublado, Lula mergulhou no mar.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva curtiu nesta segunda-feira (4) férias na Praia de Inema, na Base Naval de Aratu, a cerca de 40 km da capital baiana. Lula não tem compromissos oficiais até dia 8 de janeiro e deve ficar na Bahia pelo menos até o dia 6. O presidente passou a virada do ano com a família na Bahia.

Acompanhado pela primeira-dama, Marisa Leticia, e pelo general Gonçalves Dias, responsável pela segurança do presidente, além de familiares, Lula chegou, por volta das 10h50, à área mais remota da praia, a cerca de um quilômetro do local onde civis têm acesso – o pier da Praia de São Tomé do Paripe, no subúrbio ferroviário da capital baiana.

[...]

http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1434067-5601,00_LULA+DESCANSA+EM+PRAIA+NA+BAHIA.html

O destaque do presidente Lula, carregando uma caixa de isopor na cabeça, provoca o “destronamento da figura presidencial”, e isso nos leva a crer que o chargista, além de provocar o “destronamento”, faz uma dura crítica ao comportamento do presidente.

Tanto o destaque de Lula como o primeiro da fila quanto a frase – *Sigam o cara!* – instauram em si a paródia. O objetivo, também, é ironizar a notícia sobre o comportamento de Lula carregando a caixa de isopor.

Todos os elementos (os músicos) da foto permanecem idênticos, inclusive a paisagem, havendo apenas o acréscimo da figura do presidente.

A paródia, portanto, vai se estabelecer não só com as fotos jornalísticas, mas também com as notícias. Assim, Aragão (1980) afirma que

Parodiar é recusar e esvaziar, é dessacralizar sem descreer, pois só se discute e se leva em consideração aquilo em que se acredita. A paródia possui um caráter positivo, pois mata para fazer brotar novamente a criação. Recusa e esvazia o modelo original para recriar e preencher um modelo que lhe é próprio. (ARAGÃO, 1980, p. 20)

A charge abaixo, publicada no jornal O GLOBO, em 07/02/2014, mantém relação intertextual com textos verbais. Essa relação, no entanto, além de ser feita com textos do próprio jornal, apresenta, também, como intertexto a “Canção do exílio”, do poeta maranhense Gonçalves Dias, constituindo-se, portanto, numa paródia.

Charge 4



O GLOBO, 07/02/2014

Para que o leitor alcance o seu potencial opinativo e crítico, será necessário lançar mão de seu conhecimento de mundo (extra jornal) e da linguagem.

Os elementos verbais da charge limitam-se ao título e ao poema abaixo da figura do, então, senador José Sarney. Esses dois elementos (título e poema) nos levam ao intertexto fora do jornal, os quais são necessários para a interpretação da charge.

O título refere-se à “Canção do exílio”, poema escrito por Gonçalves Dias, porém o chargista usou o próprio título do poema primitivo acrescido do nome Maranhão: *A canção do exílio, Maranhão 2014*.

O poema da charge constitui-se numa paródia ao texto primitivo, pois o chargista faz críticas à situação político-social instaurada no Maranhão no final de 2013 e durante 2014. Trata-se do colapso no sistema carcerário maranhense, o qual foi noticiado em vários jornais e levou o estado a uma onda de violência sem controle. As notícias abaixo são importantes na interpretação da charge.

‘Sistema penitenciário do Maranhão entrou em colapso’, diz juiz

***Roberto de Paula defendeu decretação de estado de emergência no setor.
Sejap diz que vai contratar mais 150 monitores para sistema prisional.***

Titular da 1ª Vara de Execuções Penais de São Luís, o juiz Roberto de Paula defendeu a decretação de estado de emergência no sistema penitenciário do Estado. A afirmação do magistrado aconteceu um dia após a rebelião na Casa de Detenção (Cadet) de Pedrinhas, em São Luís, onde nove pessoas morreram após confronto entre duas facções criminosas.

“É preciso a governadora baixar um decreto, declarando emergência no Estado e que sejam construídas de forma urgente unidades prisionais tanto na capital, como no interior. O sistema prisional entrou em colapso, então é preciso que haja, urgentemente, investimento na construção de unidades prisionais”, declarou o juiz.

[...]

<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/10/sistema-penitenciario-do-maranhao-entrou-em-colapso-diz-juiz.html>

Para Roseana, onda de violência ocorre porque Maranhão está mais rico
*Governadora, que se disse surpreendida com atrocidades, participou de reunião com
o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo*

Por Chico de Gois - **09/01/2014**

SÃO LUIS - O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, reuniu-se nesta quinta-feira com a governadora do Maranhão, Roseana Sarney, para discutir uma ação conjunta para tentar amenizar a situação nos presídios do estado, onde foram registradas 60 mortes de detentos. Em sua primeira aparição pública em entrevista depois que criminosos atearam fogo em ônibus, causando a morte de uma menina de seis anos, a governadora disse que foi pega de surpresa pelas atrocidades e fez uma análise curiosa para justificar o aumento da violência no estado e nos presídios: para ela, isso vem ocorrendo porque o Estado, um dos mais pobres do país, está ficando rico.

- O Maranhão está atraindo empresas e investimentos. Um dos problemas que está piorando a segurança é que o Estado está mais rico, o que aumenta o número de habitantes - justificou a governadora.

[...]

<https://oglobo.globo.com/brasil/para-roseana-onda-de-violencia-ocorre-porque-maranhao-esta-mais-rico-11259311>

A relação da charge com os textos jornalísticos sobre o fato em questão também leva à paródia, já que o chargista faz uma crítica à situação das penitenciárias do Maranhão e coloca o senador José Sarney como alvo do problema, pois é o próprio senador que, na charge, está numa postura tranquila e jocosa declamando o poema. Vejamos o poema da charge e o poema matriz.

A canção do exílio, Maranhão 2014	Canção do exílio
<p>– Minha terra tem cadeias onde cantam pra subir uns perdem a cabeça outros o próprio porvir... de tão rico, meu Maranhão exerce a maior atração tem tanto preso em Pedrinhas saindo pelo ladrão que por mais que eles fujam não diminui a lotação, e por mais que a gente solte querem mais que a gente volte pra manter a numeração mas nós, hein? Nós, não!</p>	<p>Minha terra tem palmeiras Onde canta o sabiá; As aves que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá.</p> <p>Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores.</p> <p>Em cismar, sozinho, à noite Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o sabiá.</p> <p>Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar – sozinho, à noite – Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o sabiá.</p> <p>Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá; Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras Onde canta o sabiá.</p>

O poema da charge dialoga com o de Gonçalves Dias, mas transforma-o, constituindo-o numa paródia do texto primitivo. Nota-se um elo com o poema matriz, porém este se realiza de forma lúdica. Há uma recriação do texto original, embora mantenha-se algo de sua significação.

Está claro que a intenção do chargista é criticar a situação de violência instaurada no Maranhão e, ao criar a charge, lança mão dos noticiários do próprio jornal. Em um deles, a manchete ressalta: “Para Rosea-

na, onda de violência ocorre porque Maranhão está mais rico” (O GLOBO, 09/01/2014).

Essa assertiva levou o chargista a criar uma nova charge, mantendo a figura do senador Sarney, mas este se manifesta com palavras irônicas, parodiando a manchete: —*Tão rico meu Maranhão que atrai cada vez mais ladrão!*



O GLOBO, 10/01/2014 e 23-01-2014

<https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=rel-evan-cia&allwords=maranh%C3%A3o+sistema+carcer%C3%A1rio+2014&anyword=&noword=&exactword>

A presença da ironia é observada na oposição de ideias sobre o sentido literal, no caso, a manchete, pois surge uma voz que a contradiz, com a finalidade de denunciar uma situação, deflagrando, assim, o humor.

5. Considerações finais

A noção de texto, no mundo moderno, ampliou-se muito. Em nossa sociedade, a informação é passada através de diversos gêneros textuais, em tempo real, por diversos canais multimídias.

Dentre os vários gêneros textuais, a *charge* tem se destacado no meio midiático, pois se constitui num texto visual opinativo e humorístico, em geral, de caráter sócio-político. É característica pertinente desse gênero a sua relação interdiscursiva, a exploração do riso em virtude da sua relação com a paródia e a ironia. Além disso, tece um vínculo com o leitor, levando-o a aceitar o posicionamento do chargista.

Assim, o chargista, em geral, relata e comenta temas políticos, de maneira lúdica, perspicaz, a fim de induzir o leitor a questionamentos e interpretações de fatos da atualidade. Além disso, conduz o leitor a descobertas do mundo que o cerca, motivando-o a refletir sobre o cenário político e a conduta dos governantes, através da interação crítica e paródica.

A análise das charges nos levou a perceber alguns pontos básicos: a importância do contexto sócio-político e histórico da época na interpretação dos textos chárgicos; o ponto de vista e o posicionamento ideológico do chargista em relação ao fato abordado no texto chárgico; a existência do discurso polifônico; a presença constante da intertextualidade no texto chárgico, tanto em sentido amplo quanto em sentido restrito, através de inúmeras vozes histórico-sociais; a presença da paródia e da ironia, as quais permitem despertar o leitor para os fatos cotidianos, levando-o a perceber elementos críticos, lúdicos, sarcásticos, instaurando, assim, o humor; a remissão ao universo textual dado pelo próprio jornal ou extra jornal; a exigência de um leitor bem informado que seja capaz de compreender e captar o teor crítico do texto chárgico, caso contrário, a intertextualidade não se realiza.

Em suma, a charge objetiva estabelecer uma opinião crítica a fim de influenciar ou persuadir ideologicamente o leitor. Lança mão da intertextualidade ao fazer relação com vários textos em sua construção (intertextualidade ampla) ou através da presença implícita ou explícita de um intertexto (intertextualidade restrita). Enfim, a charge se apresenta como *um 'editorial às avessas' além de qualquer imparcialidade e objetividade, mas, sobretudo, contra a seriedade que marca o tom da escrita normativa do jornal* (TEIXEIRA, 2005, p. 14).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, M. L. P. de. A paródia em *A força do destino*. In: *Revista Tempo Brasileiro (Rio de Janeiro)*, n.62, p.18-28, jul. - set. 1980.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Int. e trad. de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

_____. *Questões de Estética e de Literatura*. 3. ed. São Paulo: UNESP: Hucitec, 1993.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: _____; FIORIN, José Luiz (Org.) *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994. (Ensaio de Cultura, 7)

BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. Judith Chambliss Hoffnagel, Angela Paiva Dionísio (Org.) Trad. e adapt. de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Unicamp, 2008.

CAGNIN, Antônio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

DICIONÁRIO HOUAISS CONCISO. Instituto Antônio Houaiss, organizador. Editor responsável Mauro de Salles Villar. São Paulo: Moderna, 2011.

ESTEVES, José Manuel Vasconcelos. *Ironia e argumentação*. Covilhã: LabCom, 2009. (<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABkaIAH/> livro-ironia-argumentacao-jose-manuel-esteves)

FÁVERO, Leonor Lopes. Paródia e Dialogismo. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de Barros; FIORIN, José Luiz (Org.) *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994. (Ensaio de Cultura, 7)

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual: uma introdução*. São Paulo: Cortez, 2002.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2000.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Trad. de Julio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: JENNY, Laurent *et al.* *Intertextualidades*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOTHE, F. R. Paródia e cia. In: *Revista Tempo Brasileiro (Rio de Janeiro)*, n. 62, p. 97-113, jul. - set. 1980.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. (Educação linguística; 2)

MOISÉS, Massaud. *A criação literária – Prosa II*. São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. *Intertextualidades: teoria e prática*. Belo Horizonte, MG: Lê, 1995. (Coleção Letras)

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Codeci, 1978.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S.Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1985.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2005. (Coleção FCRB, série estudos, 2)

SITE: <https://acervo.oglobo.globo.com/charges-e-humor/?pagina=3>